



PORTO ALEGRE, 26 A 30 DE JULHO DE 2009

SOBER 47^o CONGRESSO
SOCIEDADE BRASILEIRA DE ECONOMIA,
ADMINISTRAÇÃO E SOCIOLOGIA RURAL

DESENVOLVIMENTO RURAL E SISTEMAS AGROALIMENTARES: OS AGRONEGÓCIOS NO CONTEXTO DE INTEGRAÇÃO DAS NAÇÕES

PRODUTORES E O PERFIL DA OFERTA DE PRODUTOS ORGÂNICOS NO BRASIL: UM ESTUDO EXPLORATÓRIO

graziela_oste@terra.com.br

Apresentação Oral-Economia e Gestão no Agronegócio

GRAZIELA OSTE GRAZIANO¹; NADIA KASSOUFF PIZZINATTO²; MARINA ARIENTE DINIZ³; ISABELA OSTE GRAZIANO⁴.

1,2,3. UNIVERSIDADE NOVE DE JULHO - UNINOVE, SÃO PAULO - SP - BRASIL;

4. FACULDADE DOM BOSCO, PIRACICABA - SP - BRASIL.

Produtores e o Perfil da Oferta de Produtos Orgânicos no Brasil: Um Estudo Exploratório

Grupo de Pesquisa: ECONOMIA E GESTÃO DO AGRONEGÓCIO

RESUMO

OS PRODUTOS ORGÂNICOS, TEMA DESTE ESTUDO, BUSCAM UMA MELHOR QUALIDADE DE VIDA E PRESERVAÇÃO DO MEIO AMBIENTE, POIS NÃO USAM AGROTÓXICOS E SÃO OBTIDOS EM SISTEMAS SUSTENTÁVEIS, POIS MANTÊM OS RECURSOS NATURAIS E A FERTILIDADE DO SOLO. PARA UM PRODUTO SER CONSIDERADO COMO ORGÂNICO SE FAZ NECESSÁRIO UM SELO, QUE ATESTARÁ QUE O PRODUTO FOI PRODUZIDO COM BASE NOS PROCESSOS ORGÂNICOS, OU SEJA, SEM A UTILIZAÇÃO DOS AGROTÓXICOS. ESSE SELO É COLOCADO POR UMA CERTIFICADORA E DENTRE AS VÁRIAS CERTIFICADORAS EXISTENTES NO BRASIL UMA DELAS É O IBD (INSTITUTO BIODINÂMICO). ESTE TRABALHO BUSCOU LEVANTAR QUANTOS SÃO OS PRODUTORES DE ORGÂNICOS EXISTENTES NO BRASIL E QUAIS SÃO OS PRODUTOS PRIORIZADOS COMO OFERTA NO PAÍS, E EM QUAIS REGIÕES, SEGUNDO OS DADOS DO IBD. UTILIZOU-SE DA PESQUISA EXPLORATÓRIA PARA O LEVANTAMENTO DOS PRODUTORES CERTIFICADOS EM CADA ESTADO BRASILEIRO, TOMANDO POR AMOSTRA NÃO PROBABILÍSTICA POR CONVENIÊNCIA OS 354 (TREZENTOS E CINQUENTA E QUATRO) PRODUTORES CERTIFICADOS PELO IBD. COMO RESULTADO, APRESENTA UM MAPEAMENTO DOS PRODUTORES EXISTENTES EM CADA ESTADO NO PAÍS, BEM COMO A COMPOSIÇÃO DA OFERTA DOS PRODUTOS ORGÂNICOS NOS DIVERSOS ESTADOS BRASILEIROS.

Palavras-Chave: Agronegócio, Produtores, Produtos Orgânicos, Oferta de Produtos, Brasil

ABSTRACT

ORGANIC PRODUCTS, THEME OF THIS STUDY, SEEK A BETTER QUALITY OF LIFE AND PRESERVE THE ENVIRONMENT, THEREFORE DO NOT USE PESTICIDES AND ARE PRODUCED IN SUSTAINABLE SYSTEMS, AS NATURAL RESOURCES AND MAINTAIN SOIL FERTILITY. TO BE CONSIDERED AS A

PRODUCT IS ORGANIC TO A SEAL, CERTIFYING THAT THE PRODUCT WAS PRODUCED ON THE BASIS OF ORGANIC PROCESSES, IN OTHER WORDS, WITHOUT THE USE OF THE PESTICIDES. THIS SEAL IS PLACED BY A CERTIFIER AND AMONG THE SEVERAL EXISTING CERTIFICATION IN BRAZIL IS ONE OF THE IBD (BIODYNAMIC INSTITUTE). THIS STUDY AIMED TO RAISE AS ARE PRODUCERS OF ORGANIC EXISTENT IN BRAZIL AND WHAT ARE PRIORITIZED AS OFFERING PRODUCTS IN THE COUNTRY, AND IN WHAT REGIONS, ACCORDING TO IBD. WE USED THE SURVEY TO THE SURVEY OF CERTIFIED PRODUCERS IN EACH BRAZILIAN STATE, BY NON-PROBABILITY SAMPLE FOR CONVENIENCE THE 354 (THREE HUNDRED AND FIFTY-FOUR) PRODUCERS CERTIFIED BY THE IBD. AS A RESULT, PRESENTS A SURVEY OF PRODUCERS IN EACH STATE IN THE COUNTRY AND THE COMPOSITION OF THE SUPPLY OF ORGANIC PRODUCTS IN DIFFERENT BRAZILIAN STATES.

Key-Words: Agribusiness, Manufacturers, Organic Products, Offer of Products, Brazil

1- INTRODUÇÃO

A sociedade caminha aceleradamente para uma crise de recursos, oriunda da má administração do meio natural; essa crise pode ser representada por ameaças, tais como: desequilíbrio da produção de alimentos, redução da produção, mudanças climáticas, aparecimentos de doenças e epidemias. Todas essas ameaças reduzem a qualidade e a produtividade da terra. Na visão de Campos et al (2004) essa crise social e ambiental pode ser causada por diversos fatores ligados ao abuso por parte do ser humano dos recursos naturais, ao crescimento da população em ritmo acelerado, ao aumento da pobreza e a insustentáveis padrões de produção e consumo. Tais fatores apontam para um futuro não tão próspero em relação à disponibilidade de recursos como já foi no passado, dado o abuso na utilização dos recursos naturais que a terra oferece. Ainda com base na concepção dos autores o cenário mundial contemporâneo é resultado da chamada Era da Revolução Industrial que teve grande importância com a implantação de técnicas de produção e consumo em grande escala, porém, intensificou também a degradação do meio ambiente por intermédio das ações humanas. A escassez de recursos foi intensificada em razão da utilização das máquinas e a globalização, a qual resultou em uma transformação ambiental, originando movimentos que buscam o desenvolvimento sustentável ou sustentabilidade, principalmente em aspectos sociais e ambientais.

Com o surgimento de diversos movimentos em defesa do meio ambiente e a preocupação com a insustentabilidade dos padrões de consumo atuais, viu-se a necessidade de se procurar alternativas que fossem ao encontro de um desenvolvimento mais sustentável, materializado, na visão de Campos et al (2004) pela intensificação da formulação de teorias, políticas e modelos voltados aos setores econômicos, sociais e ambientais.

Nesse contexto, surgiram os movimentos ambientais em busca da defesa do meio ambiente, buscando alternativas para um desenvolvimento sustentável e se desenvolveu um setor econômico, o agronegócio: derivado do termo agribusiness, vem crescendo, segundo Thomas (2004), a taxas superiores às da economia nacional (3,2% x 2,7% a.a.). Movimentou em 2003, 450 bilhões de reais e em 2004 a agricultura e a agroindústria representaram aproximadamente, 27% do PIB do Brasil, cerca de 33% do total das exportações e de 33% a 47% do emprego.



Na visão de Batalha, (1997), os setores da cadeia que compõem o sistema agroindustrial (*agribusiness*), são: a) agricultura, pecuária e pesca; b) indústrias agroalimentares; c) distribuição agrícola e alimentar; d) comércio internacional; e) consumidor; f) indústrias e serviços de apoio.

Já para Megido & Xavier (1994), o sistema mercadológico do agronegócio pode ser dividido e analisado em três setores:

a) antes da porteira: representado por todos os setores de produção de insumos, tais como: sementes, vacinas e defensivos;

b) dentro da porteira: incluem as atividades básicas da agropecuária, tais como, plantio, cultivo e colheita;

c) depois da porteira - é representado por dois setores, tais como o da produção e processamento industrial de alimentos, e o da distribuição de alimentos, composto pelos atacadistas, grandes redes de distribuição varejistas e comerciantes independentes de alimentos..

Devido à inserção dos produtos orgânicos no hábito alimentar dos consumidores, a produção de orgânicos pode ser citada como exemplo de desenvolvimento de um novo nicho de mercado da cadeia agroindustrial do agronegócio.

Inserido num cenário como o descrito, também o agronegócio busca o desenvolvimento sustentável, ou a sustentabilidade que envolve um desenvolvimento econômico, social e ambiental, no processo de produção alimentos. Isso se deve também à necessidade de adequação a alterações no perfil do comportamento do consumidor: o consumo de alimentos vem apresentando fortes mudanças nos países desenvolvidos e em menor intensidade nos países em desenvolvimento, geradas por questões sócio-demográficas, educação, aspectos étnicos, até o acesso à tecnologia, nutrição, saúde e maior preocupação com a conservação do meio ambiente (CARBONE et al, 2004).

Este contexto induziu ao crescimento da linha de agricultura denominada por Oliveira et al (2006) de “Agricultura Orgânica”, considerada por Paschoal (1994) uma tendência alternativa à agricultura convencional, apoiada em defensivos agrícolas, e que, “isenta de produtos químicos, visa o estabelecimento de sistemas agrícolas ecologicamente equilibrados e estáveis, que resulta em alimentos saudáveis de elevado valor nutritivo e livre de resíduos tóxicos”.

Assim, ao mesmo tempo em que se procurava atender a uma demanda alimentar, ocorreu uma tendência de incorporar a esse padrão de produção outros conceitos, entre os quais o de respeito ao meio ambiente e das consequências de utilização de produtos agroquímicos à saúde humana, defendido por Khatounian (2001), para quem a incidência do aumento de um público consumidor preocupado com a saúde, segurança alimentar, meio ambiente e ecologia sustentável tem propiciado o surgimento de inúmeros novos produtos alimentícios naturais, tais como, os produtos orgânicos, no qual os consumidores que os buscam desejam produtos mais saudáveis, com menos resíduos químicos, com certificados de procedência.

Importante ressaltar que os produtos orgânicos, para serem considerados como tais, devem passar pelo crivo de uma certificadora, que atestará, com um certificado, que o produto foi produzido seguindo todo um conjunto de processos que garantem sua isenção total de agrotóxicos.

2- PROBLEMA DA PESQUISA E OBJETIVO

Uma das formas de preservar e conservar o meio ambiente e a saúde do homem é por meio da agricultura sustentável, que busca estar atenta às questões ambientais, tais como: desmatamento, solos não férteis e contaminação dos alimentos por agrotóxicos.

No que se refere aos agrotóxicos seu uso indiscriminado na produção de alimentos vem prejudicando a saúde do homem e o meio natural. Dentro deste contexto, uma das alternativas é a produção de alimentos orgânicos, que na produção não utiliza nenhum tipo de fertilizantes químicos.

Para um produto ser considerado como orgânico se faz necessário um selo que atestará que o produto foi produzido com base nos processos orgânicos, ou seja, sem a utilização dos agrotóxicos. Esse selo é colocado por uma certificadora e dentre as várias certificadoras existentes no Brasil uma delas é o IBD (Instituto Biodinâmico).

Assim, o trabalho teve como objetivo geral, levantar quantos são os produtores de orgânicos existentes no Brasil e quais são os produtos priorizados como oferta no país, e em quais regiões, segundo os dados do IBD.

Para atingir o objetivo geral, houve a necessidade de buscar a materialização de alguns objetivos específicos: a) identificar quantos são os produtores e de quais regiões advém os produtos comercializados; b) levantar informações sobre a oferta de Produtos orgânicos no país.

3- AGRICULTURA E PRODUTOS ORGÂNICOS

Desde que abandonou a vida primitiva, o homem vem modificando intensamente o ambiente em que vive. No decorrer desse processo, houve alteração de hábitos alimentares pela utilização de substâncias tóxicas, alimentos excessivamente processados, irradiados, geneticamente alterados, além de consumo exagerado de gorduras, açúcares e sódio, demonstrados no Quadro 1 abaixo. Todas essas alterações tiveram como finalidade um melhoramento de aparências, sabor e conservação de alimentos (DAROLT, 2003). Na visão de Pretti (2000) essas mudanças foram realizadas sem a consciência de que todas essas atitudes poderiam ser nocivas à saúde.

Quadro 1 – Padrão Alimentício do Homem Primitivo Comparado ao do Homem Moderno

Homem Primitivo	Homem Moderno
Alimentos integrais	Excesso de alimentos refinados
Alimentos ricos em fibras	Alimentos pobres em fibras
Alimentos ricos em nutrientes	Alimentos pobres em nutrientes
Alimentos ricos em energia vital	Alimentos pobres em energia vital
Alimentos consumidos crus	Alimentos processados pelo calor
Menor teor de gordura saturada	Alto teor de gordura saturada
Ausência de açúcar e sódio	Excesso de açúcar e sódio
Ausência de fermentos e antibióticos	Excesso de fermentos e antibióticos
Ausência de agrotóxicos e aditivos químicos	Excesso de agrotóxicos e aditivos químicos

Fonte: PRETTI, F. Valor nutricional das hortaliças. Horticultura brasileira, v.18, (Suplemento), p. 16-20, jul.2000.

Em verdade, alimentação moderna tem conduzido não apenas um desastre na saúde humana, mas também uma série de problemas ambientais. A busca pela qualidade alimentar está se tornando uma das principais preocupações dos consumidores conscientes (DAROLT, 2000).

Assim, os orgânicos, alimentos cada vez mais procurados por alguns consumidores nos supermercados, são definidos pela legislação brasileira como produtos de um sistema de produção agropecuária, no qual são adotadas técnicas que otimizem o uso dos recursos naturais e socioeconômicos disponíveis e mantenham o respeito à integridade cultural das comunidades rurais.

Dada a crescente degradação ambiental que inclui todo o ecossistema e a realização de estudos sobre os perigos para a saúde do homem, devido o consumo de alimentos contaminados com produtos químicos, surge a alternativa de uma alimentação com maior qualidade, representada pelos produtos orgânicos que vem conquistando vários consumidores, de tal forma que esses alimentos estão sendo cada vez mais procurados nos supermercados. Essa procura por orgânicos na concepção de Hoff (2000) é derivada da necessidade de reduzir a quantidade de substâncias químicas ingeridas como um passo importante na melhoria da qualidade de vida, considerando-se o acúmulo de agentes agressivos que a humanidade vem adicionando ao seu dia a dia (stress, poluição).

Lages (2003) defende que a preocupação ambiental tem assumido um papel cada vez mais relevante para as empresas e para a sociedade como um todo, não só pela crescente exigência dos governos através de legislação e normas específicas, mas também por pressões de mercado, advindas principalmente do consumidor, que está a cada dia mais informado, exigente e buscando uma melhor qualidade de vida.

Com base no exposto pode-se justificar então, a busca de um desenvolvimento sustentável, ou sustentabilidade que envolve o desenvolvimento econômico, social e ambiental. Esse tripé é apresentado na Figura 1 por GRI (2006) como “*triple bottom line*”, ou tripolaridade. Essa terminologia foca não apenas o ambiental, mas também a questão do desequilíbrio social e econômico.



Figura 1 - Representação do “triple bottom line”

Fonte: GRI. Sustainability reporting guidelines. Disponível em www.globalreportinginitiative.org. Acesso em 08 set. 2006.

Da perspectiva de sustentabilidade, a agricultura orgânica é um dos fatores positivos que sustenta esse desenvolvimento, pois é um sistema de produção que visa a preservação do meio ambiente; o grande objetivo da horticultura orgânica é promover permanentemente o melhoramento do solo, pois na concepção de Darolt (2002, p.7), esse tipo de agricultura “exclui o uso de agrotóxicos, fertilizantes solúveis, hormônios e qualquer tipo de aditivo químico”

Complementa Paschoal (1994) dizendo que o termo agricultura orgânica é usado como sentido de agricultura alternativa, ou seja, um tipo de agricultura que não faz uso de produtos químicos. Os métodos utilizados têm como objetivo manter os ecossistemas estáveis e auto-sustentáveis, por meio de princípios ecológicos e de conservação de recursos naturais.

A OIA (Organização Internacional Agropecuária) sustenta ainda que os produtos orgânicos são obtidos em sistemas sustentáveis, pois não usam agrotóxicos nem produtos químicos, mantêm os recursos naturais e a fertilidade do solo, e têm qualidade garantida por certificadoras. Sua produção traz vantagens para o produtor dado que mantém a sustentabilidade do sistema, pois evita a erosão no solo. Também é um sistema mais barato, pois é independente do uso de tecnologias. Já para o consumidor representam a oferta de alimentos saudáveis, “ identificáveis e garantidos por certificadoras” (OIA, 2004). Tais organizações “ avalizam um sistema saudável de produção de alimentos” (www.planetaorganico.com.br), e fornecem um selo oficial de garantia.

Na concepção de Souza (1998, p.14) o termo “orgânico é melhor compreendido quando se visualiza o conceito da unidade produtiva como um organismo, onde todos os componentes (o solo, os minerais, os microorganismos, a matéria orgânica, os insetos, as plantas, animais e homens) interagem para criar um todo coerente”

Na visão de Vogtmann (1984) a agricultura orgânica é entendida como a agricultura que não utiliza produtos químicos na produção de alimentos. Esse tipo de agricultura exclui o uso de qualquer tipo de fertilizantes, agrotóxicos, reguladores de crescimento e aditivos de rações animais, elaborados sinteticamente (USDA, 1980). O uso de fertilizantes orgânicos evita todos os inconvenientes dos fertilizantes sintéticos (PASCHOAL, 1994). A utilização dessas técnicas orgânicas tem como objetivo corrigir as deformidades da agricultura industrial (VOGTMANN, 1984).

Assim, a agricultura orgânica é uma forma sustentável de produção, que “promove e estimula a biodiversidade, os ciclos biológicos e a atividade biológica do solo. Baseia-se no uso mínimo de insumos externos e em métodos que recuperam, mantêm e promovem a harmonia ecológica”. (www.ranchofalcao.com.br, 2006)

O que leva um consumidor a preferir um produto orgânico é a informação sobre suas vantagens nutricionais, a ausência de agrotóxicos e a confiança de que foi produzido conforme as normas que resguardam esses fatores. Assim, é um produto que tem na confiança seu principal valor.

De acordo com Souza (2000) os produtos orgânicos classificam-se como bens de crença, pois apresentam atributos de qualidade altamente específicos, não identificáveis mediante simples observação. Para o autor, qualidade relaciona-se não apenas com aspectos visuais, tais como: aparência ou sanidade, mas também, com a isenção de produtos químicos. A qualidade diz respeito também à confiabilidade na presença de propriedades específicas nos produtos, ou seja, refere-se à confiança com que os

consumidores podem comprar determinados produtos, se estiverem buscando características específicas.

Na agricultura orgânica busca-se a qualidade de vida, evitando danos à saúde do homem, degradação do meio ambiente, perdas de resistência das plantas, pois o cultivo orgânico não utiliza pesticidas, herbicidas e fertilizantes químicos sintéticos; pelo contrário, empenha-se em desenvolver um solo saudável e fértil.

Pelo fato de não utilizar agrotóxicos, os sistemas orgânicos não desequilibram o meio natural (PASCHOAL, 1994). Desse modo, a terra permanece “equilibrada, com uma ampla variedade de insetos úteis e outros organismos que agem como predadores naturais de pragas, e um solo pleno de microorganismos e minhocas para manter a sua vitalidade” (www.ranchofalcao.com.br,2006). A irrigação e mecanização são controladas, uma vez que os solos com teores adequados de matéria orgânica retém mais água facilitando o trabalho na terra (PASCHOAL, 1994).

Esse equilíbrio da terra é conseguido na agricultura orgânica através da consideração da propriedade agrícola como uma unidade, onde o solo, a planta, o animal e o homem interagem harmoniosamente com o meio ambiente. Assim, busca-se o equilíbrio entre todos os seres vivos do ecossistema das plantas cultivadas e o desenvolvimento da vida do solo.

Assim a construção de uma agricultura mais humana e respeitadora do meio ambiente e de um mercado justo faz com que a agricultura orgânica seja uma ciência agrícola, que não deve se reproduzir ou espelhar-se no atual modelo, apenas substituindo os insumos e recomendações utilizadas. A nova agricultura deve incorporar a capacidade de produção de conhecimentos dos agricultores que já foi historicamente demonstrada e o interesse e participação dos consumidores. Tentar descobrir formas de trazer os agricultores e seu conhecimento local de volta para a produção de conhecimentos formais para a agricultura, também faz parte de sua construção (www.ambientebrasil.com.br, 2005).

Há defensores da idéia de que a agricultura orgânica é um sistema de gerenciamento total da produção agrícola, que visa promover e realçar a saúde do meio ambiente, preservar a biodiversidade, os ciclos e as atividades biológicas do solo (www.unioeste.com.br, 2006). Nesse sentido, enfatiza o uso de práticas de manejo em oposição ao uso de elementos estranhos ao meio rural. Isso abrange, sempre que possível, a administração de conhecimentos agrônômicos, biológicos e até mesmo mecânicos. Mas exclui a adoção de substâncias químicas ou outros materiais sintéticos que desempenhem no solo funções estranhas às desempenhadas pelo ecossistema.

Da perspectiva da utilização de técnicas específicas para a produção de orgânicos, Paschoal (1994) lista as principais:

a) **Manejo e conservação do solo e da água:** a premissa mais importante em agricultura orgânica é que solos bem estruturados com adequada fertilidade em nutrientes disponíveis às plantas e em quantidades equilibradas, com teores satisfatórios de húmus água e ar, produzem plantas saudáveis, com metabolismo equilibrado, naturalmente resistente a pragas, capazes de produzir boas colheitas de alimentos nutritivos, saudáveis, saborosos e livres de resíduos tóxicos que, por sua vez, geram animais e pessoa saudáveis. O manejo se faz pelo controle de erosão, adubações orgânicas, trabalho correto de máquinas e rotações de culturas.

b) **Incorporação de matéria orgânica e de nutrientes minerais:** Outra premissa

básica é que o solo e não o adubo deve nutrir as plantas e para isso é o solo que deve ser alimentado para que, através dele, as plantas possam obter os seus nutrientes. Dessa forma, os fertilizantes minerais solúveis são proibidos, principalmente os nitrogenados. O propósito da fertilização é ativar a vida do solo, possibilitando o desenvolvimento de organismos úteis e promover o equilíbrio de nutrientes, o que só é possível com adubações orgânicas.

c) **Rotação de culturas e cultivo múltiplo:** deve-se eliminar as monoculturas, substituindo-as por policulturas nos sistemas de rotação e de cultivo múltiplo, o que resulta na diminuição do número de pragas e no controle da erosão e manutenção da fertilidade do solo.

d) **Manejo natural de pragas:** Em agricultura orgânica mesmo as espécies potencialmente daninhas não são consideradas inimigas, mas, sim, indicadoras de erros de manejo na propriedade agrícola, que as favorecem, quando há desequilíbrios no solo, na planta ou no agroecossistema como um todo. Conhecidas as causas, modificam-se as técnicas a fim de conseguir estabilidade. O manejo é feito principalmente por processos preventivos naturais e integrados: rotação de culturas e cultivo múltiplo; época e métodos de plantio e colheita; adubação orgânica e tratamento adequado do solo.

e) **Uso adequado de máquinas e implementos agrícolas:** O sucesso da agricultura está em grande parte ligado à boa estrutura do solo, o que se consegue com adubação orgânica e manejo adequado do solo e da água. A compactação é evitada pelo uso de tratores leves e a aração deve ser superficial entre 12 e 15 cm.

f) **Uso de fontes alternativas de energia:** A viabilidade atual e futura do processo de produção agrícola depende da substituição da energia dos combustíveis fósseis (petróleo e carvão) por energia de fontes renováveis (biomassa, hidráulica, eólica, solar, animal e humana). Por não usarem fertilizantes sintéticos e agrotóxicos (que representam de 40 a 80% do custo da produção), e por empregarem mais mão de obra (dentro do econômico), sem perderem em produtividade, as propriedades agrícolas orgânicas são mais eficientes no uso de energia, mais lucrativas e menos dependentes do petróleo e da flutuação do seu preço no mercado internacional.

g) **Integração agricultura - criação animal:** Animais domésticos constituem parte fundamental de quase todos os métodos alternativos de agricultura, não só pelos produtos que fornecem, mas também pelo esterco que proporcionam, componente básico para a produção de composto. Instalações adequadas para a coleta de estrumes e do preparo de composto são indispensáveis por questões econômicas e práticas. A saúde animal depende da saúde das plantas que, por sua vez, depende do equilíbrio dos nutrientes no solo. Por isso, as rações são todas produzidas na própria fazenda.

h) **Qualidade dos alimentos:** A qualidade biológica interna (valor nutritivo, ausência de resíduos tóxicos, aroma e sabor) e não apenas o aspecto externo comercial é o que se objetiva obter pelos métodos orgânicos de agricultura. A adubação orgânica, comparada com a mineral, produz alimentos mais ricos em vitaminas, aminoácidos e sais minerais.

i) **Comercialização:** a descentralização da estrutura produtiva e de distribuição e venda é outra meta da agricultura orgânica. Verduras, legumes, frutas, cereais, " leite, queijo, pães e outros alimentos podem ser adquiridos diretamente nas propriedades agrícolas, entregues nas residências, ou comprados em lojas especializadas. Cooperativas, associações de agricultores, distribuidores e revendedores, especializados em alimentos

orgânicos e insumos naturais, também atuam na comercialização dos produtos, industrializados ou não, de fazendas, hortas e pomares não convencionais.

j) **Conservação da natureza e da dignidade humana:** o agroecossistema não é constituído apenas pelas culturas vegetais e animais exploradas economicamente, mas a totalidade dos componentes físicos, químicos e biológicos mutuamente relacionados, que contribuem para a estabilidade do processo produtivo. Assim, a conservação do solo, da água (água do solo, do lençol freático e de rios e lagos), do ar, da fauna e flora e do ambiente silvestre é de extrema necessidade. A preservação da sociedade rural e dos costumes, saúde, bem-estar e auto-suficiência das famílias dos agricultores é meta prioritária, por ser o homem o integrante de maior importância nos sistemas agrícolas. A estética da propriedade rural também é importante para quem nela habita e quem vê a distância.

Rezende e Farina (2001) detectam as principais características da agricultura orgânica, são elas:

a) proteção da fertilidade do solo no longo prazo, devido à manutenção dos níveis de matéria orgânica e promoção da atividade biológica;

b) fornecimento de nutrientes para a cultura de modo indireto, que serão disponibilizados as plantas após a ação dos microrganismos; e

c) controle de ervas, pragas e doenças com base na rotação de culturas, adubação orgânica, diversidade, predadores naturais e uso de variedades resistentes, sendo a intervenção química ou biológica mínima ou nula.

Dentre as inúmeras definições da agricultura orgânica vistas até agora, a idéia central desta atividade é ser “livre de agrotóxicos”. Esta é o grande propulsor do movimento.

Os benefícios da agricultura orgânica estão relacionados à aceitação consciente por parte dos consumidores quanto aos malefícios que os resíduos de agrotóxicos e adubos químicos podem ter sobre a sua saúde, e de sua família. Uma postura bastante presente em consumidores de produtos orgânicos que demonstra sua consciência pelos benefícios é a de afirmar que é preferível pagar um pouco mais, mas não gastar depois em medicamentos para enfrentar possíveis doenças.

Os consumidores “verdes” ou ecologicamente conscientes e responsáveis, são definidos ou representados por aqueles indivíduos que buscam para consumo apenas os produtos que causem o menor – ou não exerçam nenhum – prejuízo ao meio-ambiente. Ou seja, aqueles que buscam conscientemente produzir, através do seu comportamento de consumo, um efeito nulo ou favorável sobre meio ambiente e à sociedade como um todo. Anderson Jr. & Cunningham (1972), identificaram algumas características dos consumidores socialmente conscientes. No resultado desse estudo, os autores definiram os consumidores conscientes como indivíduos preocupados não apenas em satisfazer suas necessidades pessoais, mas também com o bem-estar da sociedade e do ambiente, e pertencentes a uma classe socioeconômica acima da média e com ocupações profissionais de reconhecimento e status.

O conhecimento das questões ambientais na concepção de Lages (2003) além de ser considerado um indicador da possibilidade de ação consciente do consumidor, não significa um comportamento de compra ecologicamente correto. Assim, compreender todos os comportamentos e características que determinam o consumo de um indivíduo socialmente consciente é relevante para que empresas e profissionais da área consigam

oferecer produtos e serviços preocupados com as questões ambientais e planejar e implementar estratégias competitivas sustentáveis.

Uma pesquisa realizada pelo Datacenso (2002) mostra a principal motivação no Brasil para a compra de alimentos orgânicos. Os resultados da pesquisa mostraram que os principais motivos que levam os consumidores a adquirirem orgânicos foram: (1º) e (2º) lugares – faz bem a saúde, é saudável; em (3º) lugar – não tem agrotóxicos; em (4º) lugar – tem mais sabor; e em (5º) lugar – é natural e tem mais qualidade.

Assim, os consumidores de orgânicos optam pelo produto, pois é muito mais que um produto sem agrotóxicos: é o resultado de um sistema de produção agrícola que busca manejar de forma equilibrada o solo e demais recursos naturais (água, plantas, animais, insetos, etc.), conservando-os e mantendo a harmonia desses elementos entre si e com os seres humanos.

Os sistemas orgânicos de produção protegem as nascentes de água, as áreas desmatadas são reflorestadas, os animais e os vegetais nativos são preservados e não se faz o uso de queimadas. Em razão disso, um maior número de pessoas buscam por esse tipo de alimentação especial (SALGADO, 2004)

Percebe-se então, que os sistemas orgânicos de produção utilizam técnicas que previnem a devastação de florestas e o ataque à biodiversidade. Com isso, os ecossistemas são preservados e por não utilizarem agrotóxicos e fertilizantes os produtores orgânicos não contaminam os rios mantendo a qualidade da água que o indivíduo consome.

Deste modo, para se obter um alimento verdadeiramente orgânico, é necessário administrar conhecimentos de diversas ciências (agronomia, ecologia, sociologia, economia, entre outras) para que o agricultor, através de um trabalho harmonizado com a natureza, possa ofertar ao consumidor alimentos que promovam não apenas a saúde deste último, mas também do planeta como um todo (www.planetaorganico.com.br, 2006). Nesse sentido, a Administração é a área que pode apoiá-lo como micro ou pequeno empresário, para que o faça de forma lucrativa; o marketing, como área da administração, pode oferecer suporte no gerenciamento de informações, na gestão do relacionamento com os clientes, na fixação de preços, na comunicação com o mercado, etc.

Com base nas definições dos produtos orgânicos apresentadas anteriormente, nota-se que uma de suas maiores propostas é garantir um desenvolvimento sustentável, ou seja, ter um crescimento econômico conciliado com a preservação dos recursos naturais.

Assim, os produtos orgânicos juntamente com a agricultura orgânica desenvolvem sistemas sustentáveis, beneficiando tanto o meio ambiente como também a qualidade de vida da população, pois o desenvolvimento sustentável é formado pela junção do social, econômico e ecológico. A busca por alternativas que gerem o desenvolvimento sustentável por parte dos indivíduos é um dos resultados da tomada de consciência da sociedade acerca da crise ambiental.

Outro benefício dos produtos orgânicos é que possuem uma quantidade maior de nutrientes, que favorecem seu sabor a saúde do indivíduo. O que pode ser constatado em pesquisas internacionais que demonstram que os alimentos orgânicos apresentam, em média, 63% a mais cálcio, 73% mais ferro, 118% mais magnésio, 178% mais molibdênio, 91% mais fósforo, 125% mais potássio, 60% mais zinco que os alimentos convencionais. Possuem menor quantidade de mercúrio (29%), substância que pode causar doenças graves (*Journal of Applied Nutrition*, 1993, in www.mercatonaturale.com.br, 2006).

Nesse sentido, os produtos orgânicos além de serem isentos de agrotóxicos, os alimentos orgânicos tendem a ser mais saborosos que os tradicionais (SALGADO, 2004). De acordo com Paschoal (1994) o alimento orgânico deve apresentar qualidade biológica, nutritiva e ainda, ser isento da utilização de agrotóxicos, fertilizantes minerais solúveis, hormônios e antibióticos.

Embora existam no país 20.000 produtores de orgânicos distribuídos numa área de 269.718 hectares, há poucas pesquisas sobre o setor: o BNDES (Banco Nacional do Desenvolvimento Econômico), por exemplo, identificou a existência de 7.063 produtores certificados ou em processo de conversão. Apesar da regulamentação exigir a certificação, o estudo revelou a existência de cerca de 13.000 produtores que produzem organicamente e não tem certificação (AAO, 2004). Em outras pesquisas, Pereira e Karall (2004), justificam a atitude desses produtores: “além do receio da burocracia excessiva, existe a preocupação com os custos que se imagina serem muito altos”.

Em função da existência de produtores de orgânicos no Brasil, Pizzinatto (1995) relata que uma pesquisa realizada pelo BNDES comprovou o crescimento do setor, porém os agricultores de orgânicos ainda não são conhecidos de forma sistematizada, principalmente de forma regional: há pouca informação sobre suas formas de atuação, dificuldades na comercialização, e perda da produção orgânica pela falta de estrutura organizada de distribuição, pois as grandes cadeias priorizam os fornecedores da agricultura convencional, vinculados a centros de distribuição.

Oliveira et al (2006) afirmam que em sua maioria, a produção orgânica no Brasil provém de pequenos núcleos familiares que se sustentam da terra. Conservando o solo fértil, a agricultura orgânica prende o homem à comunidade rural à qual pertence, garantindo sua sobrevivência e a de sua família, desestimulando o êxodo rural e fortalecendo o vínculo do homem à terra.

Portanto, encontra-se um desenvolvimento positivo entre a agricultura e a produção de orgânicos, que dá saltos de crescimento no mercado do agronegócio, ao passo que a opção por produzir ou ingerir orgânicos tanto pelos produtores como também pelos consumidores vem da consciência de sua ação benéfica para o meio ambiente, estão na verdade adquirindo um conjunto de dois produtos: os alimentos em si e um produto ambiental (a proteção e regeneração do meio ambiente), pois é cultivado sem o uso de adubos químicos ou agrotóxicos, é um produto limpo e saudável, que provém de um sistema de cultivo que observa as leis da natureza e todo o manejo agrícola está baseado no respeito ao meio ambiente e na preservação dos recursos naturais.

Isso faz com que os orgânicos sejam definidos pela legislação brasileira como produtos de um sistema de produção agropecuária, no qual são adotadas técnicas que otimizem o uso dos recursos naturais e socioeconômicos disponíveis e mantenham o respeito à integridade cultural das comunidades rurais. Tudo isso para garantir a sustentabilidade econômica e ecológica, maximizar os benefícios sociais e diminuir a dependência do uso de energia não-renovável, sem o uso de materiais sintéticos e organismos geneticamente modificados (OLIVEIRA, et al, 2006).

4- AGRONEGÓCIO, A VERSÃO DO AGRIBUSINESS

Como a produção de orgânicos é um nicho mercadológico do agronegócio, é preciso, para estudar sua comercialização, entender sua definição, a qual é muito mais antiga do que se imagina e incorpora mais que apenas um tipo de empresa rural: o sistema

da produção, industrialização e distribuição de alimentos vem sendo estudado desde que, em 1957, dois pesquisadores americanos reconheceram que não seria mais adequado analisar a economia nos moldes tradicionais, com setores isolados que fabricavam insumos, processavam os produtos e os comercializavam. Foi assim que, Davis & Goldberg (in Batalha, 1997, p.25) inseriram a agricultura no conceito do “*agribusiness*”, definindo-o como sendo:

(...) a soma das operações de produção e distribuição de suprimentos agrícolas, das operações de produção nas unidades agrícolas, do armazenamento, processamento e distribuição dos produtos agrícolas e itens produzidos a partir deles (BATALHA, 1997, p.25).

O conceito de agronegócio tal como já apresentado, também é assumido por organizações como a Embrapa (2006), incluindo a somatória das operações de produção e distribuição de suprimentos agrícolas, as operações de produção nas unidades agrícolas, o armazenamento, processamento e a distribuição dos produtos agrícolas, e os itens produzidos a partir deles.

Gozer et. al. (2006) complementa dizendo que o agronegócio abrange um conjunto de atividades econômicas que abastecem a agricultura - por meio de insumos, bens de capital e serviços, a produção agropecuária e outras atividades que se agregam à produção primária - o crédito, a transformação e a distribuição do produto.

As operações do agronegócio envolvem as etapas das cadeias produtivas agroindustriais integrando a produção de insumos, produção agropecuária, industrialização da produção e sistemas de distribuição, ou seja, o agronegócio é entendido como a somatória das atividades agroindustriais, desde a germinação das sementes até o produto chegar às mãos do consumidor final.

Entretanto, a produção de produtos agrícolas no agronegócio incluem tanto os alimentícios quanto os não alimentícios, como madeiras e algodão, por exemplo. Numa visão mais ampla, incluindo os produtos não alimentícios e também o setor industrial e de distribuição, pode-se falar em Sistema Agroindustrial, que na visão de Batalha (1997, p.26) considera o Sistema Agroindustrial como “o conjunto de atividades que concorrem para a produção de produtos agroindustriais, desde o produto final (queijo, biscoito, massas, etc), ao consumidor”.

O agronegócio como parte do sistema agroindustrial tem sido entendido, tanto em ambiente nacional como no internacional, como uma das atividades no país com maior impacto para o seu desenvolvimento, e segundo a Financiadora de Estudos e Projetos (FINEP, 2006) esse é o setor da economia com maior capacidade de geração de empregos e o maior irradiador de estímulos para outras atividades, movimentando recursos da ordem de US\$ 200 bilhões por ano. Seus efeitos positivos são refletidos para a indústria e para o comércio, aumentando a oferta de produtos e conseqüentemente de empregos, além de gerar inúmeros outros benefícios.

No Brasil o agronegócio é responsável pela geração de mais de 18 milhões de postos de trabalho, o que corresponde a 30% da população economicamente ativa do País. De cada três oportunidades de emprego criadas, uma é oriunda da agricultura (BERTELLI, 2005). O agronegócio também é visto por Gozer et. al. (2006, p.5) como uma atividade que colabora para “fixar o homem no campo, reduzindo as pressões sociais nos centros urbanos, além de absorver grandes contingentes com baixa formação escolar.

Adicionalmente, se exige uma mão-de-obra melhor qualificada em função da implantação dos complexos agroindustriais”.

Portanto, o agronegócio brasileiro é um setor em expansão e desfruta de perspectivas de ganhos de participação no mercado mundial. No entanto, é preciso que as instituições de desenvolvimento científico e tecnológico continuem colaborando na organização e no desenvolvimento de métodos e processos que garantam cadeias produtivas eficazes e eficientes.

O presente estudo está focado na parte do Sistema Agroindustrial composta pelos sistemas produtivos de alimentos (ZYLBERSTAJN & NEVES, 2000). Delimitando mais ainda o tema, concentra-se no sistema de produção orgânico, isento da aplicação de agrotóxicos.

5- METODOLOGIA DA PESQUISA

A metodologia, segundo Santaella, (2001), é a etapa da pesquisa em que se definem os métodos que fornecem os meios para chegar aos objetivos da pesquisa.

Nesta fase, é construído o modelo da pesquisa, o qual, segundo Malhotra, (2005) é um mapa para conduzir o projeto de pesquisa. Assim, a base para o desenvolvimento da pesquisa foi teórica e prática. No tocante ao desenvolvimento empírico foi realizada uma pesquisa de campo com os produtores de orgânicos em nível nacional.

O objetivo da primeira etapa da pesquisa foi desenvolver e esclarecer os conceitos vinculados ao referencial teórico do tema, num estudo exploratório que segundo Boyd e Westfall, (1986) é o primeiro passo do processo de pesquisa e é usado, nas palavras de Malhotra, (2005), para explorar a situação do problema. Aaker, Kumar e Day (2001), defendem que a pesquisa de caráter exploratório é utilizada quando se busca um entendimento sobre a natureza geral de um problema. O Estudo Exploratório apóia-se em diversas fontes de informação, sendo a primeira delas os Dados Secundários. Estas informações são as que, segundo Mattar (1996) já foram coletadas, tabuladas, e até ordenadas. Já Malhotra (2005, p.72) considera os dados secundários como quaisquer dados que já foram coletados para outros propósitos, podendo estar em pesquisas anteriores, ou em documentos, ou em publicações, e defende sua utilização lembrando que os mesmos podem ser levantados rapidamente a um custo baixo.

A pesquisa em dados secundários incluiu a consulta a meios eletrônicos de busca na *web*, fonte válida de informação, segundo Severino (1999).

Ainda com base em pesquisa de dados secundários foram identificadas junto ao Banco do Brasil as certificadoras nacionais e internacionais em caráter nacional, já que, todo produtor orgânico deve buscar sua certificação junto a uma delas para ser reconhecido como tal. Tais investigações levaram à seleção, para a pesquisa, da listagem dos produtores orgânicos certificados por uma delas em especial, o IBD (Instituto Biodinâmico), numa amostragem não probabilística por conveniência, em função de seu alcance nacional e do maior número de certificados: 354 produtores orgânicos, tendo sido todos incluídos como fonte de pesquisa.

Os dados coletados junto aos produtores de orgânicos foram caracterizados através de uma análise descritiva, apresentada por meio de tabelas e gráficos, utilizada para atender a todos os objetivos e se constituem no estudo e discussão dos dados coletados na amostra. Deste modo a segunda etapa do estudo pode enquadrar-se como um Estudo Descritivo, o qual, argumentam McDaniel & Gates (2003, p.33), “compreende as relações básicas da área do problema” ; são estudos “conduzidos para responder às perguntas:



quem, o que, quando, como e onde.” Em alguns quadros foi utilizada a técnica de números índices como metodologia de análise dos dados. (IUDÍCIBUS, 1998.) Num segundo momento, as informações coletadas na pesquisa também foram, analisadas qualitativamente, por meio de discussão e interpretação dos resultados. Segundo Iemma (1992, p. 6) “a análise qualitativa é utilizada para descrever qualidades e categorias”.

6 - RESULTADOS DA PESQUISA

As análises dos dados abaixo mostram quantos são os produtores e o perfil da oferta de produtos orgânicos oferecidos em cada Estado brasileiro.

6.1- DISTRIBUIÇÃO GEOGRÁFICA DOS PRODUTORES DE ORGÂNICOS DO IBD

O Quadro 2 mostra a distribuição geográfica dos produtores de orgânicos certificados pelo IBD.

Quadro 2- Distribuição Geográfica dos Produtores de Orgânicos: o Caso IBD

Produtores/Estado	Frequência Absoluta (F)	Frequência Relativa % (f)
Alagoas	2	0,6
Amazonas	2	0,6
Bahia	20	5,6
Brasília (DF)	5	1,4
Ceará	12	3,4
Espírito Santo	8	2,3
Goiás	3	0,8
Maranhão	2	0,6
Mato Grosso	11	3,1
Mato Grosso do Sul	1	0,3
Minas Gerais	41	11,6
Pará	1	0,3
Paraíba	1	0,3
Paraná	59	16,7
Pernambuco	3	0,8
Piauí	3	0,8
Rio de Janeiro	14	4,0
Rio Grande do Sul	9	2,5
Rondônia	6	1,7
Roraima	1	0,3
Santa Catarina	9	2,5
São Paulo	138	39,0
Sergipe	3	0,8
Total	354	100

Fonte: elaborado pelos autores, a partir da listagem fornecida pelo IBD.

6.2- PRODUTOS ORGÂNICOS “IN NATURA E INDUSTRIALIZADOS NO PAÍS, POR ESTADO: DADOS IBD

Os Quadros 3 e 4 permitem visualizar a variedade da produção orgânica “in natura” e de produtos industrializados de cada categoria de produtos (frutas, legumes, verduras, grãos e outros produtos) de cada Estado brasileiro, pelos produtores certificados pelo IBD.

6.2.1- ANÁLISE VERTICAL DA PRODUÇÃO DE ORGÂNICOS “IN NATURA E INDUSTRIALIZADOS NO PAÍS, POR ESTADO: DADOS IBD

O Quadro 3 apóia-se em análise vertical, ou seja, permite visualizar em que Estado há maior número de produtores de cada tipo de produto.

Analisando a última coluna do Quadro 3, verifica-se que São Paulo lidera a produção de orgânicos no país, dentre os produtores certificados pelo IBD, seguido pelo Estado do Paraná. A Figura 2 mostra a participação percentual de cada Estado brasileiro em relação à produção orgânica dos produtores filiados ao IBD. Mas, principalmente em relação aos objetivos do estudo, identifica o Estado do Paraná com a maior incidência de produtores que aderiram à Estratégia de Desenvolvimento de Produtos, pois passaram ao elo “depois da porteira”, empreitando a industrialização de seus produtos “in natura”.

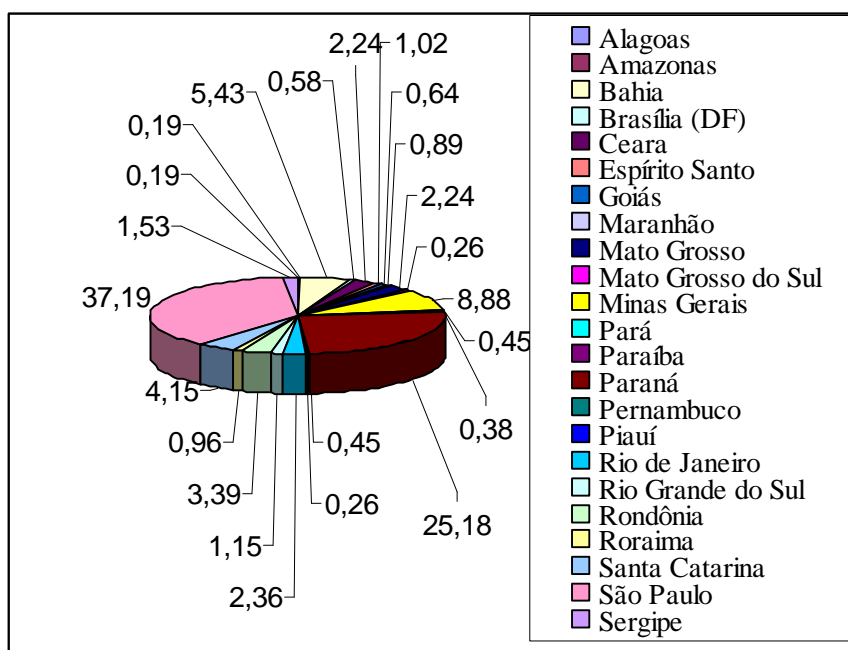


Figura 2 - Participação Percentual de cada Estado brasileiro em relação à produção orgânica, com base na produção dos produtores filiados ao IBD

Fonte: elaborado pelos autores, a partir da análise vertical do Quadro 3.

Quadro 3- Produtores de Orgânicos Filiados ao IBD: Análise Vertical, por Estado



Estado	Frutas		Legumes		Verdu- ras		Grãos		Outros		Produtos Industriali- zados		Quantida- de de Produtos/ Estado (F)	Quantida- de de Produtos/ Estado (%)
	F	%	F	%	F	%	F	%	F	%	F	%		
Alagoas	0	0	0	0	0	0	0	0	2	1,1	1	0,2	3	0,19
Amazonas	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	3	0,7	3	0,19
Bahia	39	7,2	13	13,5	2	2,7	8	3	9	4,7	14	3,5	85	5,43
Brasília (DF)	0	0	0	0	0	0	5	1,9	2	1,1	2	0,5	9	0,58
Ceará	15	2,8	0	0	0	0	6	2,3	8	4,2	6	1,5	35	2,24
Espírito Santo	6	1,1	0	0	1	1,4	5	1,9	3	1,6	1	0,2	16	1,02
Goiás	1	0,2	0	0	1	1,4	2	0,8	3	1,6	3	0,7	10	0,64
Maranhão	12	2,2	0	0	0	0	0	0	0	0	2	0,5	14	0,89
Mato Grosso	2	0,4	0	0	0	0	3	1,1	23	12	7	1,7	35	2,24
Mato Grosso	0	0	1	1	0	0	0	0	0	0	3	0,7	4	0,26
Minas Gerais	53	9,8	9	9,4	10	14	35	13	25	13	7	1,7	139	8,88
Pará	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	7	1,7	7	0,45
Paraíba	1	0,2	0	0	0	0	0	0	3	1,6	2	0,5	6	0,38
Paraná	155	28,7	36	37,5	19	26	101	38	36	19	47	11,7	394	25,18
Pernambuco	7	1,3	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	7	0,45
Piauí	1	0,2	0	0	0	0	0	0	3	1,6	0	0	4	0,26
Rio de Janeiro	11	2	3	3,1	4	5,4	6	2,3	4	2,1	9	2,2	37	2,36
Rio Grande do	3	0,6	0	0	0	0	9	3,4	3	1,6	3	0,7	18	1,15
Rondônia	35	6,5	0	0	1	1,4	0	0	14	7,4	3	0,7	53	3,39
Roraima	13	2,4	0	0	1	1,4	0	0	1	0,5	0	0	15	0,96
Santa Catarina	25	4,6	6	6,3	1	1,4	13	4,9	4	2,1	16	4	65	4,15
São Paulo	142	26,3	28	29,2	31	42	71	27	46	24	264	65,8	582	37,19
Sergipe	19	3,5	0	0	3	4,1	0	0	1	0,5	1	0,2	24	1,53
Total	540	100	96	100	74	100	264	100	190	100	401	100	1565	100

Fonte: elaborado pelos autores, a partir da listagem do IBD

Obs.: A somatória das colunas são a base = 100% no uso da técnica dos números índices. Fonte: (IUDÍCIBUS, 1998).

6.2.2- ANÁLISE HORIZONTAL DA PRODUÇÃO ORGÂNICA NO PAÍS: DADOS IBD

O Quadro 4 efetua uma análise horizontal, por Estado, do composto de produtos ofertados ao mercado pelos produtores certificados pelo IBD. Em outras palavras, identifica-se a variedade de cada categoria de produto que é ofertada. Por exemplo, na Bahia, são produzidas 39 variedades diferentes de frutas.

Dos 1565 itens levantados na produção orgânica no Brasil, 34% é representada por frutas, 26% por produtos industrializados, 17% por grãos, 12% em outros e 6% em legumes. A Figura 3 representa esses dados.

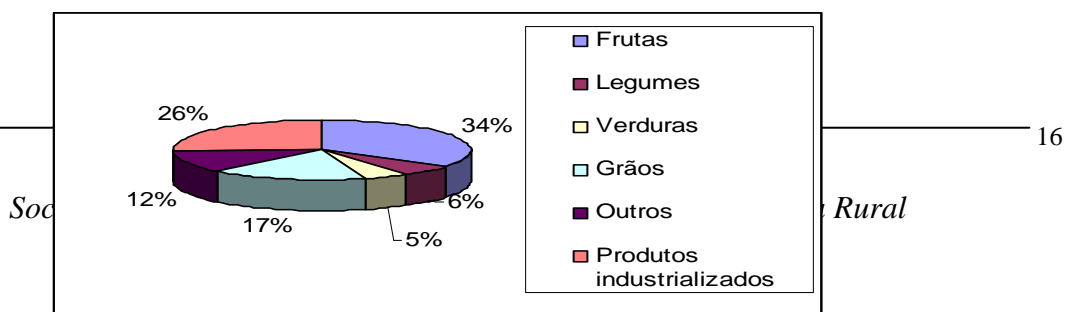


Figura 3- Quantidades de FLV's, outros produtos e produtos industrializados produzidos a nível Brasil

Fonte: elaborado pelos autores, a partir da análise horizontal do Quadro 4.

Quadro 4 – Composto de Produtos Orgânicos Oferecidos pelos Filiados ao IBD, por Estado: Análise Horizontal

Estado	Frutas		Legumes		Verduras		Grãos		Outros		Produtos Industrializados		Quantidade de Produtos/Estado (F)	Quantidade de Produtos/Estado (f%)
	F	%	F	%	F	%	F	%	F	%	F	%		
Alagoas	0	0	0	0	0	0	0	0	2	66	1	34	3	100
Amazonas	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	3	100	3	100
Bahia	39	45	13	16	2	2,5	8	9,5	9	10,5	14	16,5	85	100
Brasília (DF)	0	0	0	0	0	0	5	56	2	22	2	22	9	100
Ceará	15	43	0	0	0	0	6	17,1	8	22,9	6	17,1	35	100
Espírito Santo	6	38	0	0	1	6,25	5	31,3	3	18,8	1	6,25	16	100
Goiás	1	10	0	0	1	10	2	20	3	30	3	30	10	100
Maranhão	12	86	0	0	0	0	0	0	0	0	2	14,3	14	100
Mato Grosso	2	5,7	0	0	0	0	3	8,57	23	65,7	7	20	35	100
Mato Grosso do Sul	0	0	1	25	0	0	0	0	0	0	3	75	4	100
Minas Gerais	53	38	9	6,5	10	7,19	35	25,2	25	18	7	5,04	139	100
Pará	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	7	100	7	100
Paraíba	1	17	0	0	0	0	0	0	3	50	2	33,3	6	100
Paraná	155	39	36	9,1	19	4,82	101	25,6	36	9,14	47	11,9	394	100
Pernambuco	7	100	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	7	100
Piauí	1	25	0	0	0	0	0	0	3	75	0	0	4	100
Rio de Janeiro	11	30	3	8,1	4	10,8	6	16,2	4	10,8	9	24,3	37	100
Rio Grande do Sul	3	17	0	0	0	0	9	50	3	16,7	3	16,7	18	100
Rondônia	35	66	0	0	1	1,89	0	0	14	26,4	3	5,66	53	100
Roraima	13	87	0	0	1	6,67	0	0	1	6,67	0	0	15	100
Santa Catarina	25	38	6	9,2	1	1,54	13	20	4	6,15	16	24,6	65	100
São Paulo	142	24	28	4,8	31	5,33	71	12,2	46	7,9	264	45,4	582	100
Sergipe	19	79	0	0	3	12,5	0	0	1	4,17	1	4,17	24	100
Total	540	34,5	96	6	74	4,9	264	17	190	12	401	25,6	1565	100

Fonte: elaborado pelos autores, a partir da listagem do IBD

Obs: base =100%, são os dados da somatória das linhas, no uso da técnica dos números índices. (IUDÍCIBUS, 1998.)



7- CONSIDERAÇÕES FINAIS

A oferta de Produtos orgânicos no país, tanto os “in natura” quanto os derivados de processamento industrial, foi retratado a partir de uma amostra de 354 produtores certificados pelo IBD- Instituto Biodinâmico e alocados regionalmente em 23 dos Estados brasileiros: Alagoas, Amazonas, Bahia, Brasília, Ceará, Espírito Santo, Goiás, Maranhão, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Minas Gerais, Pará, Paraíba, Paraná, Pernambuco, Piauí, Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul, Rondônia, Roraima, Santa Catarina, São Paulo e Sergipe.

Dessa amostra de produtores do IBD, todos os Estados tinham alguma produção orgânica, em pelo menos uma das categorias investigadas. No que se aos Produtos oferecidos por Estado (análise horizontal), percebeu-se que:

a) as frutas são mais oferecidas pelos produtores nos Estados da Bahia, com o cacau; no Ceará, a oferta concentra-se no coco; no Espírito Santo, com a banana; no Maranhão e Paraná, com a manga; em Minas, banana, maracujá e laranja; em Pernambuco, abacate, banana, caju, jaca laranja, manga e uva; no Rio de Janeiro, acerola, limão e pupunha; em Rondônia acerola, banana, caju, coco mamão e pitanga; em Roraima, acerola, atemóia, banana, biriba, cupuaçu, graviola, jabuticaba, laranja, lichia, limão mamão, maracujá e tangerina; em Santa Catarina kiwi e pêssego e por fim em Sergipe o abacate, caju e laranja.

b) Os grãos são mais oferecidos em Brasília como o café e no Rio Grande do Sul com a soja.

c) a categoria “outros produtos” é mais oferecida no Estado de Alagoas, no qual o produto mais oferecido pelos produtores é a cana-de-açúcar, o gado leite e o açúcar; no Mato Grosso é o gado de leite o mais oferecido; no Estado da Paraíba são: o gado de leite de cabra, leite de cabra e mel e o Piauí com o mel como produto mais oferecido pelos produtores.

d) os produtos industrializados são mais oferecidos nos Estados do Amazonas como processador de polpa, fabricação de óleo e de manteiga de cacau; no Pará com a estearina, gordura vegetal, margarina, óleo de palma bruto e refinado, óleo de palmiste bruto e refinado; no Mato Grosso do Sul, a fécula de mandioca, sagu e tapioca; em Goiás a cana-de-açúcar, girassol, pastagem, açúcar cristal, caldo de cana evaporado e doces de caju e em São Paulo, no qual os produtores oferecem produtos 100% orgânicos - café torrado e moído e produtos com 70% a 95 % de ingredientes orgânicos - bolacha de chocolate e pão de mel. A grande maioria dos produtores concentra a produção nos produtos 100% orgânicos.

Numa análise geral a variedade de produtos oferecidos no Brasil, totaliza 1565 itens, havendo maior concentração na oferta da categoria das frutas .

Dos Estados analisados (análise vertical), o Paraná é quem lidera a produção de frutas, legumes e grãos, pois tem-se um maior oferecimento de produtos em quantidades em comparação aos outros Estados.

No tocante às três outras categorias de produtos, as verduras, outros produtos e produtos industrializados quem lidera o oferecimento é o Estado de São Paulo. Ou seja, dos dados coletados conclui-se que a maior quantidade de produtos orgânicos oferecidos pelos produtores está dividida entre os Estados de São Paulo e Paraná.

Os Estados de Amazonas, Goiás, Mato Grosso do Sul, Pará e São Paulo, são os que concentram produtores que oferecem produtos industrializados.

Assim, não há como ignorar a importância que a cadeia agroindustrial dos produtos orgânicos representa para a saúde pública, pois evitam problemas de saúde causados pela ingestão de substâncias químicas tóxicas, os solos ricos e balanceados com adubos naturais produzem alimentos com maior valor nutritivo, protegendo as futuras gerações de contaminação química e restaurando a biodiversidade, protegendo a vida animal e vegetal. A agricultura orgânica respeita o equilíbrio da natureza, criando ecossistemas saudáveis. A vida silvestre, parte essencial do estabelecimento agrícola é preservada e áreas naturais são conservadas. E tudo isso é garantido pelo papel exercido pelas certificadoras, no papel de verificação, acompanhamento e concessão do selo de garantia da qualidade do produto orgânico.

Como estudo decorrente sugere-se: Estudo descritivo, com o dimensionamento dos produtos em nível nacional, a partir da identificação de todas as certificadoras e todos os produtores a elas vinculados.

8- Referências Bibliográficas

- AAKER, D. A.; KUMAR, V.; DAY, G.S. Pesquisa de Marketing. São Paulo: Atlas, 2001.
- AAO. Associação de Agricultura Orgânica. Disponível em: <http://www.aao.org.br>. Acessado em mar/2006.
- AMBIENTE BRASIL. Selo de Certificação dos Produtos Orgânicos. Disponível em: <http://www.ambientebrasil.com.br>. Acesso em 12/10/2005.
- ANDERSON JR, W. Thomas; CUNNINGHAM, William H. "The Socially Conscious Consumer". Journal of Marketing, v. 36, July, 1972. p. 23-31.
- APASSUL. Associação dos Produtores e Comerciantes de Sementes e Mudanças do RS. Disponível em: <http://www.apassul.com.br>. Acessado em mar/2006.
- BATALHA, Mário Otávio. Gestão Agroindustrial, São Paulo: Atlas, vols. I e 2, 1997.
- BERTELLI, L. G. Crença no Agronegócio Brasileiro. Disponível em: <http://www.idcid.org.br>. Acesso em 20 fev. 2005.
- BOYD, Harper White. WESTFALL, Ralph. Pesquisa Mercadológica. São Paulo: FGV, 1986.
- CAMPOS, Lucila Maria de Souza. A Influência dos Rótulos Ambientais no Processo de Compra de Produtos Orgânicos. In: Anais do ENANPAD, 2004.
- CARBONE, Gleriani Torres et al. Fatores Relevantes na Decisão de Compra de Frango Caipira e seu Impacto na Cadeia Produtiva. In: Anais do ENANPAD 2004.
- DAROLT, Moacir. Comparação entre a Qualidade do Alimento Orgânico e a do Convencional. In: STRINGHETA, Paulo César. Alimentos Orgânicos. Viçosa: UFV, 2003.
- DATA CENSO. Mercado de Produtos Orgânicos: Consumidor. Curitiba: SEBRAE, 2002.
- EMBRAPA. Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária. Disponível em: <http://www21.sede.embrapa.br>. Acessado em mar/2006.
- FINEP. Financiadora de Estudos e Projetos. Disponível em: www.finep.gov.br. Acessado em mar/2006.
- GOZER, Isabel Cristina; GIMENES, Regio Marcio Toesca; SOUZA, Almir Ferreira; GIMENES, Fatima Maria Pegorini; CAMPOS, Gervaldo Rodrigues. Agronegócio Cooperativo: a Transição e os Desafios da Competitividade. In: Anais da SOBER, 2006.
- GRI. Sustainability reporting guidelines. Disponível em www.globalreportinginitiative.org. Acesso em set/2006.



PORTO ALEGRE, 26 A 30 DE JULHO DE 2009

SOBER 47º CONGRESSO
SOCIEDADE BRASILEIRA DE ECONOMIA,
ADMINISTRAÇÃO E SOCIOLOGIA RURAL

DESENVOLVIMENTO RURAL E SISTEMAS AGROALIMENTARES: OS AGRONEGÓCIOS NO CONTEXTO DE INTEGRAÇÃO DAS NAÇÕES

- HOOF., C. H. Y. A Era dos Produtos Orgânicos. 2000. Disponível em: http://www.janssencilag.com.br/dicasSaude/dicas_saude3.asp?area=&item=&dica=19. Acesso em 12/10/2005.
- IBD. Instituto Biodinâmico. Disponível em: <http://www.ibd.com.br>. Acessado em mar/2006.
- IEMMA, Antonio Francisco. Estatística Descritiva. São Paulo: Rô Publicações, 1992.
- IUDÍCIBUS, Sérgio de. Contabilidade Gerencial. 6a.ed., SP: Atlas, 1998
- KHATOUNIAN C.A. A Reconstrução Ecológica da Agricultura. Botucatu/SP. Agroecologia, 2001, p17-58.
- LAGES, Natalia de Sales; NETO, Alcívio Vargas. Mensurando a Consciência Ecológica do Consumidor: Um Estudo Realizado na Cidade de Porto Alegre. Anais ENANPAD 2003, 15p.
- MALHOTRA, Naresh K., Introdução à Pesquisa de Marketing. São Paulo: Prentice Hall do Brasil. 2005.
- MATTAR, F.N.. Pesquisa de Marketing. São Paulo : Atlas, 1996.
- McDANIEL, Carl, & GATES, Roger. Pesquisa de Marketing. São Paulo: Thomson. 2003, 562p.
- MEGIDO, JTL & XAVIER, C., Marketing e Agribusiness, Ed Atlas, 1994, 202p.
- OIA. Organização Internacional Agropecuária. Disponível em: <http://www.oiabrasil.com.br>. Acessado em mar/2006.
- OLIVEIRA et al, Renato Alves De. O Consumo e Comercialização de Produtos Orgânicos: o Caso da Associação para o Desenvolvimento da Agropecuária Orgânica – Fortaleza. IN: Anais da SOBER, 2006.
- PASCHOAL, Adilson D. Produção e Comercialização de Alimentos Orgânicos e Insumos Naturais. São Paulo: Sebrae. 1994.
- PEREIRA, Álvaro Bueno; KARALL, Jennyfer Margaret. Certificando a Agricultura Familiar. Disponível em www.ibd.com.br/arquivos/artigos/agriculturafamiliar.htm . Acesso em 10.12.2004.
- PIZZINATTO, Nádia Kassouf. Sistemas Mercadológicos em Agribusiness: os sistemas leiteiro e hortifrutigranjeiro em Piracicaba. Relatório de Pesquisa desenvolvida com apoio do CNPq. 1995.
- PRETTI, F. Valor Nutricêutico das Hortaliças. Horticultura brasileira, v.18, (Suplemento), p. 16-20, jul.2000.
- REZENDE, C.L. E FARINA, E.M.M.Q. Assimetria Informacional no Mercado de Alimentos Orgânicos. In: II SEMINÁRIO BRASILEIRO DA NOVA ECONOMIA INSTITUCIONAL, 2001, Campinas. CD-Rom.
- SALGADO, Joselem Mastrodi. Alimentos Orgânicos: uma Alternativa Saudável. In: Gazeta de Piracicaba. 19/09/2004.
- SANTAELLA, L. Comunicação e Pesquisa: Projetos para Mestrado e Doutorado. São Paulo: Hacker Edite, 2001.
- SOUZA, M.C.M., Algodão Orgânico: O papel das Organizações na Coordenação e Diferenciação do Sistema Agroindustrial do Algodão. Dissertação de mestrado Departamento de Administração, FEA/USP, 187p. 1998.
- SOUZA, M.C.M. Produtos orgânicos. In: ZYLBERSZTAJN, D.; NEVES, M.F. (org). Economia e Gestão dos Negócios Agro-alimentares. São Paulo: Pioneira, 2000.
- SEVERINO, A.J. Metodologia do Trabalho Científico. 19.ed. São Paulo: Cortez, 1993.

THOMAS, Vinod. Elas Começaram no Agro. Agro Exame. Edição especial. p. 48 e 49, Setembro, 2004.

UNIOESTE. Universidade Estadual do Oeste do Paraná. Disponível em: www.unioeste.com.br. Acessado em mar/2006.

USDA. Report and recommendations on organic farming. United States Department of Agriculture, Washington, 94 p. 1980.

VOGTMANN, H. Organic farming practices and researches in Europe. In “Organic farming: current technology and its role in a sustainable agriculture. ASA Special Publication n.46, Madison, 1984, p.192.

ZYLBERSTAJN & NEVES, Marcos Fava. Economia & Gestão dos Negócios Agroalimentares. São Paulo: Pioneira, 2000.

Webgrafia

<http://www.planetaorganico.com.br>. Acessado em set/2006

<http://www.ranchofalcao.com.br>. Acessado em mar/2006

<http://www.mercatonaturale.com.br>. Acessado em mar/2006